

Relacionalismo

Retirado de A passion for friends: toward a philosophy of female affection, de Janice G. Raymond (Beacon Press, 1986).

O que estou apelidando aqui de "relacionalismo" costuma acompanhar o terapismo. Relacionalismo é a redução das amizades a relações que frequentemente se limitam à autoanálise, a DRs, de maneira muito similar ao que o terapismo faz em relação aos sentimentos.

O relacionalismo conta, também, com a sua própria classe de profissionais expertos. Chamam-se "teóricos da atração", pois são capazes de tomar conta do "campo da amizade"; eles podem, entre outras coisas, explicar tecnicamente a diferença entre um "amor companheiro" e um "amor apaixonado". Tal como os "teóricos da atração", as mulheres "em relacionamentos" frequentemente transformam tais relacionamentos em empreendimentos técnicos, eternamente discutindo a relação até que não haja nada a ser discutido. Estilo, variedades eróticas, gestos, expressões faciais, tudo se torna matéria prima da qual um significado precisa ser extraído. Tal tipo de relacionalismo objetifica as mulheres e suas relações de maneira muito semelhante à objetificação em contextos heterorrelacionais. O relacionalismo faz uma definição da mulher a partir de um referente que é exterior a ela.

O relacionalismo materializa a etimologia da palavra "relacionar" tornando as mulheres seres "relacionáveis", isto é, uma classe que se "relaciona" com algo ou alguém - que está sempre a relacionar-se com algo externo a seu Ser. Esse foco reiterado em lidar com relações nas quais tantas mulheres estão imersas reforça a dissociação de um mundo de significados muito maior. Tal relacionalismo bloqueia o desenvolvimento de um ginoafeto profundo.

O relacionalismo existe em vários contextos. Em contextos heterorrelacionais, nos quais as mulheres extraem o sentido de sua existência dos homens de suas vidas, o relacionalismo se materializa na constante preocupação feminina em torno dos homens. Os homens de suas vidas se torna, geralmente, o foco das discussões quando as amigas se encontram. Tal tipo de relação entre mulheres dá margem para amizades frívolas, majoritariamente caracterizadas por mulheres falando sobre homens, praticando um escambo de narrativas sobre "os bons homens", "os homens de verdade", "os cavalheiros", ou os outros vários tipos masculinos de consorte. Muitas lésbicas, por outro lado, especialmente em contextos separatistas dissociativos, caem em paradigmas semelhantes em relação às mulheres de suas vidas. A hesitação em falar sobre suas vidas pessoais é vista, nos contextos separatistas, como uma herança patriarcal, uma repressão política à integração social entre mulheres. Portanto, a dissociação, nestas duas formas, conduzem as mulheres a um novo ofício, que não passa de uma velha profissão - os relacionamentos humanos profissionalizados.

Na condições de "relacionistas profissionais", as lésbicas com frequência canalizam o grosso de suas energias em relações, frequentemente movendo-se de uma relação erótica para outra. Lésbicas têm sido críticas ao imperativo heterorrelacional que torna mulheres seres que se pautam e se referenciam em homens. Todavia, "viver pelas mulheres" em um sentido estrito, onde as vidas das mulheres está estreitamente ligado a seus relacionamentos com elas, se torna um análogo a "viver pelos homens".[1] O relacionalismo lésbico não é muito diferente do heterorrelacionalismo, já que as lésbicas neste contexto precisam constantemente encontrar-se namorando. No cerne desta "febre relacional", parece que as lésbicas têm, em um certo sentido, substituído os homens pelas mulheres enquanto objetos relacionais. O adágio heterorrelacional "você, enquanto mulher, precisa se juntar a um homem" é modificado para "você, enquanto mulher, precisa se juntar a uma mulher". A falta de um relacionamento erótico se transforma na falta de sentido para o Eu.

O fato de que a vida de muitas mulheres esteja centrada em relacionamentos amorosos, sejam heterossexuais ou lésbicos, torna as outras pessoas o centro da vida da mulher. Isto necessariamente desloca o autocentramento e frequentemente nega o trabalho de autocentrar-se, uma vez que, quando o relacionamento falha, tudo à sua volta falha também. As mulheres ficam deprimidas, paralisadas, inaptas a continuar seus compromissos, especialmente suas vidas

profissionais. O relacionismo, ou o centralismo das relações amorosas, é portanto um obstáculo à amizade feminina, uma vez que drena a energia das mulheres de seus Eus, suas amigas primárias, para outrem. Nenhum ginoafeto genuíno pode ser criado se não partir de um Eu fortalecido. O relacionismo promove uma rendição do Eu, destruindo um autocentramento positivo e necessário.

[1] Na qualidade de tradutora e feminista, me oponho pessoalmente a essa comparação. Se acreditamos no aspecto compulsório e intrinsecamente violento que a heterossexualidade representa às mulheres, romantizando situações de abuso e mantendo laços de amor entre o povo dominado (mulheres) e a classe que conscientemente domina (homens), não existe comparação possível entre a dissociação vivida no interior do romantismo heterossexual e a vivência de mulheres que centram sua existência no amor a outras mulheres.

Retirado de <http://taticafeminista.blogspot.com.br/>

Pdf: <https://heresialesbica.noblogs.org>